

## LETRAMENTOS CRÍTICOS NA AULA DE GEOGRAFIA

*Thássio Ferreira Alves Pereira*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB  
thatoalves@hotmail.com

*Ester Maria de Figueiredo Souza*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB  
emfsouza@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo é parte de uma pesquisa de mestrado que visa compreender as práticas de letramentos críticos no ensino de Geografia, tendo a canção como recurso didático motivador para essas práticas. A pesquisa ocorreu tendo como base teórico-metodológica a etnografia colaborativa proposta por Bortoni-Ricardo (2008), para a investigação no ambiente natural da sala de aula e a abordagem colaborativa para interagir com os sujeitos professores do estudo. O contexto dos estudos do letramento se afirma como provocador de produção de conhecimentos que religa e interliga diferentes campos de conhecimento. Na sua acepção de apresentar conceitos e abordagem metodológica para problematizações de fenômenos sociais, a pesquisa sobre práticas pedagógicas é um espaço de acolhida para se perspectivar esse diálogo com os estudos dos letramentos críticos. A nossa proposta neste trabalho é o de expor essa noção como mobilizadora para o planejamento das práticas de ensino em Geografia com o uso de canções. Concluímos que a Geografia tende a engajar os alunos em atividades de desvelamento de ideologias, sendo que canção popular se apresentou como um recurso aliado para o desenvolvimento de tarefas indicadas pelos docentes e que esses reconhecem a noção de letramentos críticos como uma aliada para aproximar os conteúdos geográficos com o universo cultural dos alunos, por meio das temáticas expressas nas músicas.

**Palavras-chave:** Currículo. Ensino de Geografia. Letramentos Críticos.

### Introdução

O presente artigo é parte de uma pesquisa de mestrado que visa compreender as práticas de letramentos críticos no ensino de Geografia, tendo a canção como recurso didático motivador para essas práticas.

Para esta comunicação são elencados alguns aspectos relevantes para o entendimento de como se dão os letramentos críticos em contextos escolares, propondo-se a refletir sobre o ensino de Geografia apresentando o relato de uma experiência de aulas de Geografia numa turma do 7º

ano do Ensino Fundamental II, com o uso de duas canções previamente escolhidas e atividades que foram desenvolvidas com os alunos para compreensão das práticas de letramentos críticos.

Dentro das diversas possibilidades de práticas de letramento existentes, os letramentos críticos merecem destaque por operarem na intenção de despertar no outro o desejo de olhar o mundo de outra maneira, de perceber as contradições existentes em um contexto social e sobre ele esboçar uma análise que fuja de um padrão pré-estabelecido e possa romper com as alienações existentes. Rojo afirma que “são cruciais os letramentos críticos que tratam os textos/enunciados como materialidades de discursos, carregados de apreciações e valores, que buscam efeitos de sentido e ecos e ressonâncias ideológicas” (ROJO, 2009, p.114).

O viés crítico é um fator fundamental para a análise das transformações geográficas. O professor deve se preocupar em incitar o seu aluno a assumir essa criticidade e se inquietar diante das contradições da sociedade em que vivemos. Ao se optar pela formação em Geografia o docente deve entender que “trata-se de uma formação crítica e aberta à possibilidade da discussão sobre o papel da Geografia na formação geral dos cidadãos, sobre as diferentes concepções da ciência geográfica, sobre o papel pedagógico da Geografia escolar” (BRASIL/MEC, 2006, p.46).

Optamos por incursionar pela etnografia colaborativa e a pesquisa colaborativa para a inspiração metodológica do estudo. Assim, investigar as singularidades da utilização da música como um recurso didático, no contexto de uma sala de aula, é trabalhar na perspectiva de que diferentes linguagens possibilitam diferentes formas de interpretação, de compreensão do senso comum, de vivências e experiências cotidianas, apresentando, neste texto, a relevância da apreensão do conceito de letramentos críticos para os docentes participantes do estudo. A etnografia colaborativa constitui-se, desse modo, como uma abordagem metodológica com o viés da formação dos professores. São os docentes, em parceria com o pesquisador, que decidirão a agenda de encontros, as estratégias de planejamento e as particularidades da pesquisa. Na medida em que o objeto da pesquisa é “a ação/reflexão/ação dos sujeitos parceiros, os formadores têm como procedimento básico a observação participante” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.72).

### **Sobre os letramentos críticos**

Um dos objetivos da escola é ampliar os horizontes de letramento do público por ela atendido. O letramento pode ocorrer de diversas maneiras, desde a apreensão da leitura e da escrita, até as mais diversas tecnologias existentes para a prática escritas e orais com função social. Ao longo dos anos, diversos autores tem se aprofundado em estudos sobre os processos de letramento. Em diferentes momentos e em contextos sociais diversos uma forma de letramento ganha mais ênfase que outra. Atualmente, há o destaque de uma análise que compreende o letramento sobre a perspectiva de uma prática que valorize não apenas aquilo que é formal, mas também as práticas não formais de culturas orais e escritas.

O letramento não deve ser compreendido apenas no aspecto formal, escolarizado. Existem diferentes maneiras de exercer as práticas de letramento que, apesar de não serem bem aceitas em todos os lugares (sobretudo nas instituições oficiais), garantem o êxito da comunicação e da socialização. A autora Rojo (2009) enfatiza que

As práticas sociais de letramento que exercemos nos diferentes contextos de nossas vidas vão constituindo nossos níveis de alfabetismo ou de desenvolvimento da leitura e da escrita; (...) É possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar, sobretudo nas grandes cidades, de práticas de letramento, sendo, assim, letrado de uma certa maneira. (ROJO, 2009, p. 98)

Desse modo, minimizar o discurso de um indivíduo não escolarizado ou pouco escolarizado é estar impedindo-o de demonstrar outras maneiras de compreensão da realidade. A escola precisa trabalhar na valorização da leitura e da escrita, das regras e conceitos pertinentes ao uso formal da língua, mas não deve esquecer de propiciar o conhecimento de preceitos de culturas não valorizadas ou minimizadas na sociedade.

Não se pode reduzir o letramento somente à escrita, desmerecendo ou minimizando a oralidade. O letramento é a apropriação da leitura e da escrita em práticas sociais e essas práticas se configuram, também, como práticas discursivas. No ambiente escolar, muitas vezes, não há a valorização de práticas discursivas, pois a escola ainda “subordina-se a uma ideologia que prega a superioridade da escrita e despreza a importância das práticas discursivas cotidianas (languageiras, em oposição a metalinguísticas) para o desenvolvimento do letramento” (TFOUNI; MONTE-

SERRAT, 2014, p.32). Há, portanto, o predomínio de ações que valorizam a linguagem formal adquirida nos manuais da Língua Portuguesa (Gramáticas, livros didáticos, etc.) em detrimento de absorver as características que a linguagem oral possibilita aos processos de letramento.

Necessita-se entender que, ao se trabalhar com textos (em seus diversos gêneros e formatos e nos mais variados meios), o professor deve instigar o aluno a ir além da aparência dos enunciados e ensiná-lo a ler o texto sobre o viés de autor, que também concebe e interpreta o texto de uma maneira particular, subjetiva. O texto tem um enigma a ser decifrado. O autor precisa subverter o sentido e produzir um discurso.

É importante analisar os letramentos enquanto práticas sociais discursivas na compreensão de que o sujeito se faz entender através do discurso. O discurso vai revelar as interfaces entre o que está sendo falado e o que está sendo ouvido/interpretado. Nenhuma interpretação é neutra, desprovida de ideologias e significados diversos. Há que se levar em consideração as particularidades do sujeito que concebe o discurso. É nessa subjetividade que o sujeito avança sobre o texto e sobre ele exerce também sua autoria (TFOUNI, 2005).

Os letramentos enquanto práticas sociais, ou letramentos sociais, colaboram na perspectiva de valorizar as diversas manifestações culturais presentes na sociedade de modo a enfatizar a importância dos diversos saberes existentes e não apenas aqueles ensinados/aprendidos na escola. Para Buzato (2007),

[...] a dimensão sociocultural do letramento em lugar de sua dimensão psicológica/cognitiva, e, por conseguinte, estará centrado na necessidade/possibilidade do desenvolvimento da consciência crítica do leitor/escritor em sua interação com o texto (em sentido amplo) e com o contexto sócio-histórico de sua produção/recepção. (BUZATO, 2007, p.111)

Dessa forma, o letramento requer um viés de criticidade, de enfrentamento das contradições da sociedade com um olhar reflexivo. A escola pode (e deve!) colaborar com essa prática e isso deve acontecer em todas as disciplinas (não apenas Língua Portuguesa – que, teoricamente, seria mais comum) e em contextos dentro e fora da sala de aula. Dessa maneira, os

alunos começariam a compreender a realidade em que vivem de maneira mais atuante, entendendo que ele é um agente transformador do meio social em que está inserido e sobre ele pode opinar.

Segundo Tfouni (2005), dentro da escola há discursos alternativos que, muitas vezes, não são valorizados. É nesse momento também que os sujeitos surgem como autores e intérpretes de seus enunciados, garantindo assim a efetivação de práticas de letramento antes desconsideradas. Sobre esse viés, Street (2014, p.127) também enfatiza que os letramentos sociais requerem uma atenção especial justamente na tentativa de “evitar juízos de valor acerca da suposta superioridade do letramento escolarizado com relação a outros letramentos”. Com efeito, o letramento está além da dicotomia oral/escrito e deve ser visto como um processo discursivo.

Torna-se importante abordar, na escola, uma mescla de meios orais e letrados como um *continuum* “oralidade-letramento” (STREET, 2014) no entendimento de que em todas as práticas sociais o indivíduo interage com outras pessoas com estratégias discursivas em que se misturam a leitura e a escrita sem a supervalorização de uma sobre a outra como a escola faz em relação à escrita formal em detrimento das nuances da oralidade.

O letramento seria, então, uma alternativa para trazer para a escola as múltiplas linguagens com diversas possibilidades de trabalho, de modo a levar a efetivação de um processo de ensino e aprendizagem que valorize os discursos e a sua utilização nas práticas sociais.

Podemos, então, nomear os letramentos críticos como as múltiplas práticas sociais por intermédio da leitura e da escrita que possibilitam “o trato ético dos discursos em uma sociedade saturada de textos e que não pode lidar com eles de maneira instantânea, amorfa e alienada” (ROJO, 2009, p.108). Essa postura crítica permitirá, no contexto escolar, formar o aluno-cidadão, aquele que compreende a sua realidade, sobre ela opina e para ela propõe e realiza transformações sociais.

Ora, diante das transformações sociais que estamos passando, a escola não pode mais estar fechada a novas linguagens, novas maneiras de compreender a realidade. Trazer para o âmbito escolar uma gama diversificada de possibilidades de entendimento da leitura e da escrita é atuar na perspectiva de um trabalho que valorize as diferentes culturas existentes dentro de um contexto social específico.

Segundo Santos (2013), o letramento crítico pressupõe que um texto é sempre um produto de forças. Essas forças podem ser ideológicas, sociopolíticas, e os textos constituem um local de luta, de representação das forças dominantes. A linguagem exerce um papel fundamental na formação dos cidadãos, pois através de uma análise crítica pode-se ter uma ideia dos interesses existentes por trás dos textos.

Dentro do espaço escolar irão coexistir diferentes manifestações culturais, fruto de todo um processo social que permitiu – e permite ainda hoje – o convívio entre indivíduos com pensamentos, ideologias, visões de mundo diferentes. Essa diversidade cultural possibilita um diálogo entre gerações, origens, e grupos diversos que, ao estarem inseridos no ambiente escolar, irão conviver e pensar nas transformações sociais que estão sendo influenciados e como podem também exercer influência. Assim,

Essas mudanças fazem ver a escola de hoje como um universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares e autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados. (ROJO, 2009, p.106-107)

Por isso, torna-se fundamental que se trabalhe na escola com textos oriundos de fontes diversas e não usuais, para que através da criticidade os alunos sejam capazes de lidar com a realidade circundante e sobre ela inferir maneiras de atuar de forma consciente e cidadã. Essa multiplicidade pode garantir as práticas de letramentos críticos ao se pensar em estratégias, efeitos e contradições que os textos trazem e como podem ser abordados e questionados.

A heterogeneidade de textos, discursos e de práticas de letramentos dentro da escola visarão garantir que os alunos compreendam que fora da escola existem maneiras diferentes – ou estranhas – de aprender e de se posicionar em seus contextos sociais. Assim, ao correlacionar o aprendizado que teve dentro da sala de aula com a sua utilização fora dela, ele estará entendendo a verdadeira função dos textos – a comunicação.

## **Sobre o ensino de Geografia**

Os conhecimentos da Geografia devem estar voltados para as reflexões e análises espaciais. O espaço é o ponto de partida (e de chegada) de quaisquer conteúdos geográficos. É na compreensão dos fenômenos do/no espaço que a Geografia se consolida enquanto ciência com todo o seu arcabouço teórico-metodológico.

A Geografia é uma das disciplinas que compõem a Base Nacional Comum da Educação Básica. Sua organização está pautada em documentos e diretrizes que regulamentam a sua inserção no currículo do Ensino Fundamental e Médio, definindo carga horária, conteúdos, competências e habilidades a serem abordadas em cada modalidade de ensino. De acordo com as diretrizes curriculares

A Geografia compõe o currículo do ensino fundamental e médio e deve preparar o aluno para: localizar, compreender e atuar no mundo complexo, problematizar a realidade, formular proposições, reconhecer as dinâmicas existentes no espaço geográfico, pensar e atuar criticamente em sua realidade tendo em vista a sua transformação. A partir dessas premissas, o professor deverá proporcionar práticas e reflexões que levem o aluno à compreensão da realidade. (BRASIL/MEC, 2006, p.43)

Na compreensão dos documentos oficiais, então, a Geografia escolar deve ser responsável por orientar os alunos na possibilidade de leitura e compreensão do mundo a partir das ferramentas de análise da Ciência Geográfica. O professor de Geografia tem o papel de ser o agente responsável por mediar o conhecimento geográfico com a realidade vivenciada pelos alunos, levando-os a perceber a importância dos estudos geográficos e assumir uma postura crítico-reflexiva acerca do contexto social em que estão inseridos.

Assim, o docente formado em Geografia deve ser questionador, crítico, atuante no contexto social em que vive e transmitir essa postura no ambiente escolar. Deve buscar fazer a ponte necessária entre os conteúdos programáticos apontados pelos documentos oficiais com a realidade circundante sua e de seus alunos, para, assim, possibilitar um efetivo processo de ensino e aprendizagem.

A formação docente implica, ainda, um arsenal de conhecimentos teórico-metodológicos dos saberes pedagógicos. O professor necessita ter conhecimento de que sua formação específica

em uma área – no caso, Geografia – perpassa pela sua formação geral enquanto professor, que irá lidar com situações pedagógicas das mais diversas (e adversas) e que se torna responsável pela formação cidadã dos seus alunos e não apenas um mero transmissor de conteúdos. Nas diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica está indicado que

A formação comum para professores de todas as etapas da educação básica deverá mobilizar contribuições de diferentes áreas de conhecimento para constituir saberes pedagógicos, valores - dignidade humana, solidariedade, autonomia intelectual, respeito e acolhimento da diversidade, igualdade e justiça social, entre outros - visões de educação e sociedade, que permitam ao futuro professor compreender a realidade da educação e formular propostas de ação/intervenção na escola e/ou em nível mais amplo do processo educativo. (BRASIL/MEC, 2000, p.69)

É preciso, então, que os docentes tenham uma visão aberta sobre as questões educacionais, a dinâmica da escola, o processo de ensino e aprendizagem, a importância do uso de recursos e novas tecnologias, a compreensão da cultura, o desenvolvimento humano como um todo. Essa abrangência de conhecimentos é fundamental para que o docente trabalhe na perspectiva de que a Educação se torne o meio de libertação e ascensão social. Trata-se de um desenvolvimento profissional permanente, contínuo.

A reflexão sobre sua própria prática constitui-se um fator fundamental para a atividade docente (SACRISTAN, 2000). É preciso sempre estar se questionando, se avaliando acerca de sua atuação na sala de aula e, a partir disso, criar oportunidades de desenvolver novas atividades de interação com os alunos, mesclando-se os diversos conhecimentos. Além disso,

Deve promover mudanças concretas que resultem em novos padrões de aprendizagem, a partir de uma rede de significados, isto é, utilizando estratégias diversificadas ao abordar os conteúdos, dialogando e ampliando os conhecimentos já adquiridos e propondo novas situações de aprendizagem. (BRASIL/MEC, 2006, p.47)

Dessa maneira, ser professor hoje em dia requer estar atento às mudanças e transformações que o mundo vem passando e como a sociedade está respondendo a isso. Ser professor(a) de Geografia é, antes de tudo, entender que os fenômenos espaciais tem repercussão direta na escola



e cabe a ele articular o conhecimento científico com a realidade vivenciada pelos alunos. Ao compreender o papel da Educação nesse contexto o docente terá condições de criar estratégias para colaborar com a formação cidadã dos seus alunos.

É importante que, desde cedo, os educandos aprendam a ler o mundo, a entender a complexidade da realidade. Ao reconhecer o seu lugar, o aluno passa a identificar a paisagem que o compõe, seja ela natural, humana, histórica, etc. Elas se justificam pelo trabalho da sociedade e da dinâmica da natureza e chega aos nossos sentidos de muitas formas, cores, odores.

Deve-se possibilitar aos alunos a prática de pensar sobre os fatos e acontecimentos mediante várias explicações. Se conseguirem pensar o espaço de forma mais abrangente e ativa, com certeza, a sua participação na comunidade em que vivem será mais efetiva e a atuação será mais consciente.

Dentro da escola pode-se compreender o espaço geográfico de diferentes formas, usando diferentes categorias ou conceitos chave da Geografia, porém o mais importante é buscar um processo de ensino e aprendizagem preocupado em ajudar a formar pessoas mais comprometidas e com raciocínios e conhecimentos claros a respeito do espaço que ocupam.

### **Os dados em (re)análise: Desvelando uma experiência**

Ao trabalhar com diversas linguagens na Geografia – e a música está inserida nesse contexto – o docente em parceria com seus alunos buscará compreender o ensino não como uma mera reprodução do conhecimento, mas como algo dinâmico, permitindo um maior envolvimento entre os agentes do processo educacional.

Didoné (2006) ressalta que a música, quando utilizada em benefício das aulas torna-se uma atividade lúdica que traz, pelos ritmos descontraídos dos diferentes estilos musicais, um melhor entrosamento na relação entre professor e aluno. Novas tecnologias estão sendo incorporadas ao ensino de um modo geral e a Geografia não pode se esquivar a esse fator. O que ocorre algumas vezes é o tradicionalismo, a resistência ao novo ainda impregnado em muitas práticas docentes no atual contexto da Educação. Muito se discute sobre a inovação no ensino, mas pouco se faz para inovar.

As abordagens atuais da Ciência Geográfica têm buscado práticas pedagógicas que almejam colocar os alunos em situações diferentes, mas que tenham uma relação com a sua realidade. Nesse sentido, Cardoso (2004) afirma que torna-se cada vez mais necessário o uso de múltiplas linguagens no ensino, ao trazer a realidade concreta para a sala de aula, aliar a experiência, vivência, aos conceitos adquiridos na vida escolar. Fica evidente, portanto, que quando se propõe ensinar Geografia a partir de várias linguagens (música, poesia, vídeo, etc.), valorizando o cotidiano e a experiência dos alunos, torna-se mais fácil a apreensão do conteúdo didático exposto.

Para ilustrar a concretização de práticas de letramentos críticos com o uso de canções no ensino de Geografia, apresenta-se o relato de uma experiência ocorrida em 2016. A escola escolhida para realização da pesquisa foi a Escola Municipal Senador Antônio Carlos Magalhães, localizada na zona urbana do município de Planalto – Bahia. Trata-se de uma das quatro escolas que oferecem o Ensino Fundamental II na sede do município, ofertando o ensino nos turnos matutino e vespertino. A escolha desta instituição se deu por ser, dentre as quatro escolas de Ensino Fundamental II do município, a que possuía um número relevante de professores licenciados em Geografia e dispostos a participar da pesquisa, dados identificados após uma sondagem prévia.

A turma do 7º ano C, vespertino, foi escolhida para o desenvolvimento da aula com o tema “*Aspectos geográficos da Região Nordeste do Brasil*”. O tema de trabalho indicado pela professora Dalva<sup>1</sup> visava um enfoque nas questões ambientais, territoriais e humanas que caracterizam essa região do país.

Em encontro prévio, pesquisador e professora, em colaboração, escolheram juntos quais canções seriam utilizadas nas aulas e quais estratégias metodológicas seriam propostas para as mesmas. Ouvimos algumas músicas, selecionamos duas que mais se adequariam aos objetivos propostos, organizamos as atividades e elaboramos o roteiro das aulas.

No dia de aplicação da proposta planejada, a aula ocorreu de maneira tranquila. Houve, no início, um problema com a caixa de som, mas logo foi substituída e tudo seguiu como o planejado. Entregamos a letra das músicas “Valente Nordeste”, com o grupo Olodum e da canção “Súplica

---

<sup>1</sup> Nome fictício.

Cearense”, na interpretação do grupo O Rappa. Durante a execução das músicas a maior parte dos alunos se mostrou empolgada, cantando, sorrindo. A princípio tímidos, depois mais “soltos”.

A professora foi incentivando os alunos a fazerem uma interpretação de alguns pontos das letras músicas, sempre buscando a criticidade. Ao propor a identificação de características físicas sobre as paisagens típicas do Nordeste brasileiro, os alunos foram citando elementos que identificam a paisagem do Nordeste, principalmente do sertão, com base na letra das duas músicas. Apesar de, em alguns casos, ser uma visão estereotipada, uma vez que a região é subdividida em 4 zonas e o sertão é apenas uma delas, é a imagem paisagística que mais o representa. A professora enfatizou esse aspecto e relembrou o início do conteúdo trabalhado por eles na aula anterior.

Avançando sobre alguns problemas retratados na letra de ambas as canções, a professora Dalva foi direcionando a discussão para a compreensão dos problemas sociais enfrentados pelos nordestinos. Após questionar quais problemas eles identificavam nas canções ouvidas os alunos foram citando a seca (resposta mais presente), a fome, pobreza, violência. Neste momento houve uma participação bem mais contundente de alguns alunos, por se identificarem com algumas dessas situações, uma vez que alguns são oriundos da zona rural, de áreas que sofrem com alguns dos problemas citados.

Outro aspecto relevante na abordagem da professora foi a análise de políticas públicas que possibilitariam a minimização dos problemas sofridos na região. Ela adentrou numa análise do trecho da música que cita aspectos relacionados às crenças religiosas e as possíveis soluções para resolver os problemas. A partir da provocação da professora os alunos comentaram que deveria partir do governo pensar em formas de melhorar a vida do nordestino, que tanto sofre com os problemas citados, principalmente a seca.

Os comentários interessantes dos alunos e acenos positivos da professora gerou discussões, pontos de vista diferentes, conseguiram mostrar críticas contundentes sobre a música. Falaram sobre a seca, governo, fome, pontos negativos, problemas, dinheiro pra ajudar as famílias.

Uma das estratégias pensada para complementar a discussão foi a elaboração de um texto coletivo. A turma foi dividida em quatro grupos para analisarem mais profundamente as letras das músicas e relacionarem com o tema em questão, sintetizando em forma de texto. Nos grupos, a

maior parte dos alunos contribuiu para a produção do texto coletivo. A professora e o pesquisador foram passando em cada grupo e auxiliando, tirando dúvidas, explicando a importância da criticidade. Após um tempo pré-estabelecido um aluno de cada grupo foi escolhido para ler o texto produzido em voz alta para o restante da turma. Eis alguns trechos dos textos produzidos pelos grupos:

“[...] porque está faltando água na região e a seca está matando gado em todo sertão do Nordeste. E por isso o povo está mudando para as cidades e largando o Nordeste que nos ajuda muito.” (texto coletivo, pesquisa colaborativa, 2016)

“[...] Por sermos uma região bastante seca a nossa região tem muitos projetos que são iniciados mas nunca finalizados, por conta de corrupções. Nosso povo, mesmo sem culpa sofre com o descaso do governo e dos grandes empresários.” (texto coletivo, pesquisa colaborativa, 2016)

Observa-se que, indiretamente, é citado os movimentos de migração tão comuns entre os nordestinos. Mesmo não havendo referência a isso nas letras das músicas e nem tendo sido abordado pela professora, os alunos conseguiram relacionar esse aspecto. E mencionam, ainda, as questões políticas e econômicas como responsáveis por situações de pobreza na referida região. Em outros textos destaca-se:

“[...] O homem do Nordeste, conhecido cabra da peste, a pobreza é abundante e a seca constante, o nordeste e sua grandeza possui muita beleza, o povo tem confiança, fé e esperança que este tempo difícil vai passar e tudo venha a melhorar...” (texto coletivo, pesquisa colaborativa, 2016)

“[...] Povo de fé e esperança luta tanto e nunca cansa. O nordeste maravilhoso que me deixa orgulhoso, é bom fazer parte deste lugar que é e sempre será o meu lugar”. (texto coletivo, pesquisa colaborativa, 2016)

Percebe-se, nesse caso, a escolha de palavras que rimam entre si, aproximando-se de um texto poético. Ainda que não tenha sido solicitado na atividade que o texto deveria ter essas características, as músicas influenciaram na decisão dos alunos, já que ambas tem trechos rimados e se configuram, também, como textos poéticos. Um dos alunos citou, no momento da leitura dos textos, que se lembrou da canção “Asa Branca” de Luiz Gonzaga e cantou um trecho.

Consideramos interessante esse aspecto porque houve uma correlação entre músicas diferentes (no caso, que não estava sendo trabalhada no momento) que permeiam a memória musical dos alunos.

No dia da aplicação da atividade individual, no estilo avaliação, carteiras dispostas em fileiras no estilo prova, os alunos de posse da letra das músicas e com o objetivo de correlacionarem com as discussões e comentários do dia anterior, responderam as questões propostas. Analisando-as, de modo geral, percebe-se que houve um rendimento satisfatório em uma boa parte da turma, mas um reducionismo por parte de alguns alunos que ficaram muito presos nas letras e não avançaram tanto para além delas.

Uma das perguntas da atividade era sobre a visão pessoal do nordestino retratada nas letras das músicas sobre o seu espaço de moradia. Para alguns alunos, “o nordestino tem uma visão muito triste por causa da seca, mas ama seu lugar onde mora por que sabe que o nordeste é o melhor lugar pra se viver”. Um dos alunos respondeu que “a visão trata da caatinga em lugares sem água, que revela pessoas simples, pobres com vida simples”. Ainda que haja um erro de conceitos, confundindo região (sertão) com a vegetação predominante (caatinga), mostra, também, que eles conseguiram fazer a correlação entre as informações e representam, assim, a idéia de que o nordestino mesmo passando por dificuldades consegue ser feliz com o que tem.

Esse nordestino é apresentado na canção como “cabra da peste”, expressão muito popular na região. Os alunos identificaram-no como sendo “homem valente que não corre de uma briga, que luta, que persiste e nunca desiste”, “uma pessoa muito forte e trabalhador”, ou “significa que o homem nordestino é uma pessoa batalhadora, que não desiste de ter uma vida melhor”. Entende-se, portanto, que a imagem de nordestino que os alunos possuem é de uma pessoa que trabalha bastante para conseguir o que deseja e que, por isso, é uma pessoa forte.

Para a pergunta “que possíveis medidas podem ser executadas para solucionar os problemas sociais citados na música ‘Súplica Cearense’?” os alunos rememoram a parte do conteúdo trabalhado pela professora em aulas anteriores que correlacionava a problemática da região com a indústria da seca, e obtivemos respostas do tipo “o governo pode investir em cisternas, segurança, em indústrias alimentícias e carros pipas para levar água às pessoas que não tem água encanada”, “mais projetos de armazenamento de água que saia do papel e são finalizados

e uma fiscalização maior nos projetos para a seca do nordeste”, ou ainda “botar açudes, fazer desvios de rios como o São Francisco ou fazer furos subterrâneos”.

As respostas da atividade, de modo geral, corroboram com o que foi observado na aula anterior. Nos momentos de oralidade a criticidade dos alunos ficou mais evidente, pois eles expuseram melhor seus pontos de vista. A sistematização de forma escrita e individual limitou alguns a se expressarem mais criticamente sobre a temática escolhida.

Após o término, em conversa com a professora Dalva, foi constatado como positivo o trabalho, uma vez que foi observado uma participação ativa da maioria dos alunos, tornando a aula mais dinâmica, menos cansativa. Para uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II, com alunos na faixa etária de 12 a 14 anos (a maioria), percebe-se que houve uma compreensão e um avanço na aprendizagem, sobretudo no que eles conseguiram interpretar além das letras das músicas. Evidencia-se, também, o empenho da professora em instigar os alunos a falarem, exporem suas ideias e compreensão do assunto.

### **Considerações finais**

Partindo da premissa de que os letramentos críticos se constituem em um conjunto de elementos culturais que mobiliza experiência e conhecimentos do sujeito social sobre a cultura, o contexto da educação é um espaço privilegiado para a exploração de práticas discursivas que ressignificam o ensino e os conteúdos didáticos dos currículos. O ensino centrado nos letramentos críticos promovem a extração de sentidos, ideologias e o engajamento dos docentes e alunos na (re)construção do conhecimento escolar.

As práticas de ensino não se centralizam na esfera da escrita, mas há o reconhecimento de que a oralidade e o contexto de exploração de fatos sociais que circundam o mundo da escola (e fora dela) são aspectos a se considerar como promotores de formação crítica, tanto nas aulas de Geografia, como em outros espaços educativos.

A aula de Geografia tende a engajar os alunos em atividades de desvelamento de ideologias, sendo que canção popular, se apresentou como um recurso aliado para o desenvolvimento de tarefas indicadas pelos professores e professoras, como uma atividade crítica

que privilegiou a através da linguagem como signo ideológico, utilizando estratégias de questionamentos orais, leitura de imagens para aproximar os conteúdos geográficos do contexto cultural do estudante em sua vida e comunidade.

## Referências

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor pesquisador** – Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL/MEC. **Proposta de diretrizes para a formação inicial de professores da educação básica, em cursos de nível superior**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2000.
- BRASIL/MEC. **Ciências humanas e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BUZATO, Marcelo E. K. **Letramentos Multimodais Críticos: contornos e possibilidades**. Revista do Programa de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Revista CROP – 12/2007.
- CARDOSO, Cristiane. **Olhares geográficos sobre o ensino escolar: a importância do ensino de geografia a partir das diferentes linguagens**. 2004. Disponível em <[http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo4/E4\\_108%20b.htm](http://www.igeo.uerj.br/VICBG-2004/Eixo4/E4_108%20b.htm)> Acesso em 19 de junho de 2016.
- DIDONÉ, Mariane Luísa. **A música como recurso didático nas aulas de geografia**. Erechim: URI, 2006.
- ROJO, R. H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SACRISTAN, J. Gimeno. **O Currículo, uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.
- SANTOS, Rodolfo Rodrigues Pereira. **O letramento crítico e o ensino de inglês: reflexões sobre a prática do professor em formação continuada**. Revista the Specialist, vol. 34, nº1 (1-23), 2013.
- STREET, Brian V. **Letramentos Sociais – Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TFOUNI, L. V. ; MONTE-SERRAT, D. M. **A abordagem histórica do letramento: Ecos da memória na atualidade.** Scripta (PUCMG), v. 17, p. 23-48, 2014.

TFOUNI, L. V. **Letramento e autoria: uma proposta para contornar a dicotomia oral/escrito.** Revista da ANPOLL, Campinas, v. 18, p. 127-141, 2005.